

Cortadores-de-cabeças e Mestres-canoeiros

O Frei Edmundo conta histórias sobre os Munduruku (ou “MõnJOROKO”):

– Os Munduruku sempre foram um povo muito temido; eles já foram grandes guerreiros no tempo em que toda essa terra da Amazônia – e além da Amazônia – era dos índios. Vocês já ouviram falar na Cabanagem? Cabanagem foi uma união inusitada entre índios, escravos e mestiços pobres para lutar contra brancos que tentavam dominá-los no século passado. Foi uma verdadeira guerra, que durou anos, e das mais importantes na história das lutas populares no Brasil. E os MõnJOROKO tiveram participação fundamental, tiveram atuação marcante nos confrontos, nas batalhas. Vocês sabem o que significa esse nome – “MõnJOROKO”? – e curvou o corpo, aproximando-se novamente de nós: “os cortadores de cabeças”... esse o significado do nome dele... cortadores de cabeças. Eles são conhecidos assim até hoje. – O frei levanta-se, vai até uma prateleira em cima do barzinho, traz um livro e mostra-nos uma gravura: o desenho de uma cabeça cortada, com cabelos longos, sustentada por um pau fino e comprido.

– Era assim que eles faziam com os inimigos que abatiam: eles os decapitavam, esfacelavam os ossos do crânio e mergulhavam as cabeças em uma substância que sabiam preparar – era um processo de mumificação. A cabeça ficava conservada, um pouco murcha, pequena desse jeito – mostrou no livro – e presa e pendurada num pau... mumificada e conservada – repetiu. E há indícios de que os antepassados deles eram antropófagos...

Kika fez uma cara de arrepio:

– Hummmm... nossa! A cabeça fica uma coisa horrível! – ela olhava o livro.

O frei ri:

– É, é isso mesmo! Sua reação é igual à dos inimigos deles: as cabeças os horrorizavam e os espantavam, pois eles não sabiam entender aquilo. As cabeças se mantinham e continuavam com a mesma aparência – só que um pouco menores – por muito tempo... Os outros índios só podiam atribuir aquilo a algum poder especial ou a alguma feitiçaria, não? Além de demonstrarem ser muito violentos com a decapitação – o que já amedrontava muito os inimigos –, os MõnJOROKO ainda revelavam ter algum poder extraordinário ou sobrenatural, alguma magia. E isso ameaçava mais ainda quem quisesse guerrear com eles. Aquelas cabeças cortadas e penduradas viraram lenda e era como se andassem pela terra, pelos rios e pelo céu: a lenda correu a Amazônia. Os Munduruku viraram um mito, temidos e respeitados. E eles espalhavam aqueles “troféus de guerra” – era como eles consideravam as cabeças – em pontos estratégicos, no caminho que os inimigos teriam que percorrer para chegar à aldeia MõnJOROKO. E os dispunham também em volta dela. Construía, assim, um cinturão de segurança, uma barreira

em torno das suas malocas. Quando os outros índios se aproximavam e viam aquilo, era como se tivessem visto o próprio capeta, o demônio – eles corriam como os veados correm no mato.

– Nossa...! Devia dar pra assustar mesmo... – torna a se arrepiar Kika.

– E tem mais: havia, e ainda há, uma outra lenda que conta que o rio – o Cururu – é encantado, que ele não leva inimigo, que ele o afoga e o engole...

– E, se leva, não traz, não é? O Mõnjouroko não deixa, corta a cabeça... – o Gerson passa a mão como que degolando seu pescoço, brincando.

O frei não se importa com a interrupção:

– É, mas vocês veem que eles estavam bem defendidos: de um lado as cabeças, e de outro, fechando o cordão e fazendo um cerco, o rio – ele faz um círculo com as mãos. E os mais corajosos, os que se aventurassem a passar pelas cabeças e que vencessem o Cururu, encontravam pela frente os guerreiros Munduruku... Você está certo – voltando-se para o Gerson –, se o rio levasse, não trazia; os que se arriscavam davam mais trabalho aos cortadores de cabeça: mais mumificação e mais peças para o cordão. – O frei dá uma risadinha e prossegue:

– Muitas lutas eram travadas no próprio rio e então os Munduruku levavam mais uma vantagem, porque eram – como ainda são – grandes, exímios remadores. São mestres-canoeiros, como o Frei Paim costuma chamá-los.

– Eu estou imaginando que com esse cerco talvez eles até evitassem muitas guerras: muitos inimigos deviam pensar duas vezes antes de os enfrentarem – comento eu.

– Mas era isso mesmo, eles tinham esse objetivo: com o seu nome, “cortadores de cabeças”, e com seu aliado e protetor, o Cururu, os Mõnjouroko impunham respeito e até pavor.